



PHOÏNIX



RESENHA

VLASSOPOULOS, K. **Greeks and Barbarians**.
Cambridge/New York: Cambridge University Press,
2013. 392 p.

“DESPENSANDO” O “GREGO *VERSUS* BÁRBARO”^{*}

Renata Cardoso de Sousa^{**}

Kostantinos Vlassopoulos é professor associado de História Grega da Faculdade de Artes da Universidade de Nottingham (Inglaterra), cujas linhas de pesquisas tocam temas relacionados à história socioeconômica da Grécia antiga, história da historiografia e história comparada. O autor do livro interessa-se, atualmente, por questões relativas à escravidão antiga e moderna (analisada por Moses Finley no início da década de 1980), aos grupos subalternos e ao “despensar” a *pólis* grega, debatendo abordagens historiográficas que tendem a entender a *pólis* como algo uno.¹

Quem se interessou ou quis comprar o livro **Greeks and Barbarians**, recém-lançado pela Cambridge University Press, acreditando que ia encontrar uma obra que trata da famigerada dicotomia existente entre gregos e bárbaros e o esforço dos gregos por caracterizar/depreciar o bárbaro, enganou-se. O que é bom: a abordagem de Vlassopoulos questiona essa separação dita intrínseca entre gregos e bárbaros, oferecendo-nos uma nova perspectiva para compreender a relação entre os gregos e não gregos. Mais do que contraditório, esse par é complementar: não se pode pensar a cultura produzida pelos gregos sem os “bárbaros” e vice-versa.

* Recebida em 05/11/2013 e aceita em 09/12/2014.

** Professora mestranda do Programa de Pós-graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa.

Esse é o principal argumento do seu livro. Os gregos, num plano discursivo, procuraram diferenciar o bárbaro de si, a fim de fundar sua própria identidade, como podemos ver nos épicos de Homero ou nas **Histórias** de Heródoto. No entanto, na prática, os gregos dialogaram bastante com os não gregos através de trocas culturais que não diziam respeito somente à imposição, mas à circulação mesmo de ideias e tecnologias pelo Mediterrâneo.

Essas trocas tiveram como principal palco o mundo das *apoikíai*, as “colônias” gregas, as quais frequentemente ou adotavam os costumes gregos (sobretudo o modo de organização *políade*) ou recebiam-nos e modificavam-nos, adaptando-os aos seus contextos. Para isso, são essenciais os conceitos de *globalização*, *glocalização*, *representação*, *mídia* e *sociedades fronteiriças*, os quais ele explica de maneira bastante elucidativa, a fim de não cair em uma armadilha que todos os historiadores temem: a do anacronismo. Apenas o conceito de *nação*, utilizado pelo autor em algumas partes, poderia ser mais bem explicado e mais fundamentado.

Vlassopoulos defende que esse encontro cultural não se deu somente no período helenístico, como muitos conjecturam: é um processo bem mais antigo, que vem desde o Período Arcaico grego. Para sustentar essas hipóteses, o autor utiliza um leque expressivo de cultura material e de documentação textual oriundo mais das próprias *apoikíai* e de outras partes do Mediterrâneo (Pérsia, Egito, Mesopotâmia, Síria, etc.) e menos dos tradicionais centros produtores de cultura (o Egeu, com Atenas e Esparta sendo as principais *pólis*).

Em sua introdução, Kostas Vlassopoulos deixa claro que a sua intenção é tornar o livro didático; por isso explica os contextos históricos a que se refere antes de partir para o problema em si. Isso pode parecer monótono para o especialista em História Antiga, mas, como o próprio autor também coloca na introdução, é um livro cujo público não é apenas o historiador da Antiguidade, mas também o acadêmico que está começando a dar seus primeiros passos nesse período e até mesmo o grande público. Nesse ponto, **Greeks and Barbarians** serve como um material didático bastante profícuo tanto para o professor quanto para o aluno.

A linguagem que o autor utiliza é clara: quem lê minimamente em inglês consegue compreender o livro e este é estruturado didaticamente. Todos os capítulos têm uma introdução geral (em que um problema é colocado e contextualizado), o desenvolvimento da problemática (com os exemplos

oriundos da documentação utilizada) e uma conclusão que sumariza o que foi tratado no capítulo, fazendo um *link* entre o que já foi visto e o que será.

É uma obra muito rica: o leque documental é de natureza vasta (textos, epigrafia, escultura, edificações, cerâmica, ourivesaria, etc.), bem como a abrangência geográfico-cultural do estudo. Sua principal contribuição se dá no tocante aos questionamentos sobre uma visão dualista do par grego/bárbaro (que origina a secessão Oriente *versus* Ocidente no entendimento – errôneo, segundo o autor – da contemporaneidade), e à crítica aos marcos históricos tradicionais para a helenização (Alexandre, O Grande) e produção de discursos acerca da “invenção do bárbaro” (Guerras Greco-Pérsicas).

Além de outros cientistas humanos, todo historiador e estudante de História deveria ler esse lançamento de Kostas Vlassopoulos, visto que é uma obra a que, em sua estrutura, nos faz refletir sobre questões intrínsecas ao fazer histórico, às vezes olvidadas por alguns membros da academia que insistem em perpetuar uma visão estanque e maniqueísta da história, em detrimento de sua dinamicidade.

Nota

¹ O autor publicou um livro em 2008, intitulado **Unthinking Greek Polis** (Cambridge University Press), o qual desconstrói a ideia de que a *pólis* era coesa ao longo da abrangência geográfica do mundo grego, fazendo um percurso historiográfico desde a Antiguidade até os historiadores do presente para pensar como essa *pólis* foi trabalhada ao longo do tempo.